

**1º Lugar**

**Pseudônimo: CHARLOTE ESTEPHÂNIA**

## **O FIO DA MEMÓRIA**

**Bernardo Riguelra Rennó Lima**  
**FAFICH - Comunicação Social**

Ela dorme. Quando acorda nem se dá conta. Não se lembra de lembrar de algo até perceber que não sabe onde está. E neste momento, pela primeira vez, a memória adormecida falha.

Sabe que algo aconteceu. Ou melhor, desconfia. Talvez uma festa. Não se lembra de ter bebido tanto. Não se lembra nem de ter bebido. Tudo foge, soa falso. A elegante blusa branca manchada e rota. A Saia preta de bom pano rasgado. A meia enlameada e cheia de grandes e redondas ausências. Em uma das pontas, um dedão vermelho e sujo. Ela desconhece completamente aquele dedo ridículo. Sente o melado no canto da boca e a remela empapando os olhos. Uma casca lhe repuxa a pele em torno dos lábios. Precisa de um espelho. Tem medo de estar com a aparência terrível. Mas talvez ela não tenha mesmo uma boa aparência. Lamenta não ter um espelho à mão. Mas, bem, pelo menos do próprio rosto ela é capaz de lembrar. Forma-se em sua mente uma imagem desfocada de uma face não identificável. Depois uma outra imagem lhe vem, diferente da primeira e tão incógnita quanto. Mas o que ela podia esperar? Não sabe mais nem o próprio nome. Depara-se com o desconhecido e tem medo.

Uma Mancha de sangue. Não, aquilo na blusa é vinho. Ou sangue? Logo ela que jamais entrara numa briga! Nem para apartar! Aquilo com certeza é vinho. Cheira a blusa mas não sente nada. Só dor. Tenta tocar o nariz com a ponte dos dedos, mas a dor é insuportável. É estranho não ter notado a dor até agora. Talvez algo mais lhe doesse em segredo. Tem medo. Subitamente percebe estar com medo do próprio corpo. Aquela corpo estranho, sem nome, sem história.

Sem medo daquele nariz quebrado. Logo ela que jamais entrara em uma briga! Ou entrara? Lamenta novamente não ter um espelho por perto. Por outro lado, sente agora um medo terrível do próprio rosto, daquele corpo desconhecido, de possibilidades infinitas. Pensando bem, é melhor não ter um espelho por perto.

Olha em volta ainda com a visão enevoada. Está em um quarto marrom. Não sabe qual. As paredes são de barro. Só um lampião para lhe contar do mundo. Não está deitada em uma cama, mas em uma esteira. Não é bem um quarto, mas uma casa. Minúscula e de barro. Lá fora - nota por uma janela na parede direita, está escuro. 'Ainda é noite ou já será uma outra noite?' Ela não sabe muito bem por que pensou nisto. Afinal, o que sabe ela agora sobre as noites? Nada. Além, é claro, de que são feitas da mais profunda escuridão.

Um som sibilante a faz virar para o lado esquerdo. O corpo todo, como ela temia, dói. No canto esquerdo, o que canta é uma chaleira sobre o fogo de um pequeno fogão a lenha. Alguém esteve aí há pouco. E, por certo, logo estará de volta. Ela tem de fugir. Também não sabe bem por que, mas tem de fugir. Outra vez o medo do desconhecido. O desconhecido que a qualquer instante pode entrar por aquela porta de madeira podre. Tenta levantar e se vê vencida pela dor. Todo o corpo está contra ela. A dor é absoluta, insuportável. Desmaia.

\*\*\*

O sol arde nos olhos fechados, então ela os abre. A mesma parede de terra batida agora é outra sob a luz do sol. A janela escura não podia ser mais azul. O corpo muito claro ainda dói. Menos, mas dói. O corpo nu. Num reflexo ela puxa o lençol até a altura do pescoço. Reflexo pudico e doloroso. Talvez o corpo ainda lhe doa igual. Sua aparência deve estar terrível. Isto não importa, ela está nua. Como está nu o homem ao seu lado. Ela grita uma lâmina cortante. Ele acorda:

— O que é isso?!

Ela não sabe se grita de novo ou se o contempla, maravilhada. Aquele moreno, quase negro. A chaleira esfria sobre o fogão de lenha. Ela ferve.

— Que susto, Irene! Você está bem. - Ele se aproxima.

— Sai daqui. - ele disse um nome, 'Irene'? - Não me encosta. Ele senta no canto inferior da esteira.

— Tudo bem, não encosto. Mas fica calma. Você não está em condições de se exaltar.

— Então se cobre. Fica nu como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— E não é? - ele sorri de um jeito malicioso enquanto se cobre. Por um momento, ela chega mesmo a crer que a nudez seja a coisa mais natural do mundo. Mas aquele sorriso. Ele é bonito mas não confiável. Nenhum homem é confiável. Mesmo que pareça merecer confiança, um dia ele a trai. Os homens não prestam.

— Quem é você? O que nós estamos fazendo aqui? Onde estão nossas roupas?

— Calma. Uma pergunta de cada vez. - Aquele sorriso de novo. Ele não presta. - Pelo jeito que você segura este lençol, imagino que esteja mais preocupada com suas roupas. Estão ali, perto do fogão, secando. Estavam muito sujas e fui lavá-las hoje cedo.

O sangue. Ou era vinho? Instintivamente ela toca o nariz. Dói.

— Cuidado.

— Não me encosta. Pode deixar, já passou. - Ela mente.

Você está mentindo, Irene. - 'Irene', outra vez?! - Eu sei que deve estar doendo. O acidente foi sério. Agora chega de brincadeira e deixa eu ver este nariz direito.

— Não chega perto. Já disse.

Ele pára. Mantém o olhar fixo sobre ela. Não existe mais qualquer sinal de sorriso em seus lábios. Aqueles olhos negros são assustadores. Lindos.

— Você ainda não disse o que estamos fazendo aqui. De que acidente você está falando?

— Do acidente. Como assim 'de que acidente'? O acidente de carro. Lembra? Nós dois, voltando da festa de ano novo. O caminhão na contramão. Pelo amor de Deus, Irene.

Primeiro, o silêncio. Depois uma gargalhada grossa de homem rompe com a paralisia do ar.

Só agora ela percebe que ele tem os cabelos raspados. E não é moreno, é negro mesmo. Não chega a ser azul, mas é negro. E lindo. Lindo como um cavalo. Ela sente vergonha de estar admirando um negro. Olha para baixo. O corpo dela é branco, muito branco. E ainda está manchado de vinho. Ou de sangue.

O negro ainda está rindo. Levanta-se e deixa novamente exposta sua nudez. Nudez de cavalo. Nudez absoluta da qual ela não consegue escapar. Ele vai até perto do fogão de lenha e apanha as roupas.

— Você perdeu a memória. Está com amnésia. Você, minha

esposa, com amnésia. - 'esposa'? Então ela era esposa de um negro? Impossível. Bem, o racismo é pecado, não é? - Estão secas. Pode vestir se quiser.

Ele joga a blusa ainda levemente manchada e a saia rasgada sobre ela. Ele continua falando porque ela não sabe mais o que dizer:

— Se eu fosse você, tomava um banho direito antes de me vestir. Se é que você já consegue andar.

— É claro que consigo andar. - Ele não sorri mais, mas ela nota o sorriso maldoso no ar. Homem não presta. Mas aquele homem é seu marido! Tudo ficou inverossímil de repente. - Onde é que vou tomar banho aqui?

— Tem um riacho descendo. Do lado direito. Pode ir que você vai ouvir o barulho. - O maldito sorriso se concretiza. - E não se preocupe que não tem ninguém para te olhar. Já procurei.

Ela se enrola no lençol e tenta levantar. Uma dor profunda toma conta do corpo alvo e o joga violentamente contra o chão. Ela cai. O negro avança e a segura nos braços. O corpo branco e fraco. Os braços negros e firmes. Seu marido. A vista ameaça escurecer. A aparência dela deve estar péssima. Ele é tão bonito. Tão negro. O lençol há muito já chegou ao chão. Os corpos nus se tocam. Ele mantém os olhos fixos nos dela. Pode ver a alma clara. Pode ver que ela teme ser violentada. Mas é o que mais deseja. Mas, se ele é o marido. Canalha! Não presta. Homem nenhum presta. Nem os maridos prestam.

Ele a coloca cuidadosamente sobre a esteira. Ela sente um medo terrível de ser estuprada pelo próprio marido. Desespera-se ao notar que vai desmaiar. Justo agora.

\*\*\*

Ela acorda. Parece estar melhor. Lembra-se do negro. Não está. Talvez jamais tenha existido. Marido! Não adianta, ela não lembra de nada. O dia ainda está claro. Talvez agora ela possa tomar o tal banho. Ainda está suja de sangue. Muitas manchas, todas secas. Menos uma, ainda úmida, entre as pernas. O negro existe. A curra existiu. Mas, se ele é o marido... Ela precisa limpar aquele sangue, depressa. Está manchada, suja daquele sangue entre as pernas. As outras manchas não incomodam mais. Só aquela, a mais nova e a mais terrível. Patife.

Devagar ela consegue se levantar. Enrola-se no lençol e fica pensando o que um lençol novo como aquele estaria fazendo ali. Aque-

le lençol parece dizer mais a ela do que todo o resto. Não interessa, precisa lavar-se. Está com nojo do próprio corpo. A dor física diminuiu, mas aquele corpo branco talvez nunca lhe tenha feito sofrer tanto.

Com uma mão segura as roupas rasgadas. Com a outra, abre a porta do casebre. Não imagina quanto tempo ficou ali dentro. A claridade do fim do dia lhe ataca violentamente. Precisa cobrir rapidamente os olhos com o braço, e isto dói. Respira fundo e começa a andar.

O chão batido é coberto de pedrinhas que lhe machucam os pés. A mata de árvores retorcidas lhe abre trilhas inesperadas à medida em que avança. Precisa se lavar. Precisa se livrar daquela sujeira, daquela aparência horrível. Teme que as águas se transformem em espelho e lhe digam quem é. Ouve o som do riacho, sabe de que lado ele está mas quem dita o caminho é a mata. É a mata quem lhe permite ou não passagem. O preço da caminhada lhe dói nos pés. Ela segue.

Mas a mata não a leva diretamente às águas. Muda o rumo e, depois de uma leve subida, traz o passado de volta. Um carro, o acidente. Então ele não mentiu. O negro, o marido. O acidente do carro aconteceu. Ela tenta correr até o automóvel, tenta achar ali dentro a explicação de tudo. Talvez sua memória esteja ali. Talvez sua história. A verdade. Sente medo e dor. Não pode correr muito. Anda a passos acelerados. Não obedece mais à pureza, cria sua própria trilha.

Finalmente chega. É um carro novo, a frente está toda amassada. Olha para os lados e tenta imaginar o trajeto do carro. Vê o estrago feito no mato, nas árvores. Deve haver uma estrada perto dali. Por que o negro não pediu socorro? Por que não foi até a estrada pedir ajuda?

O porta-malas está aberto. Dentro dele uma mala, também aberta, foi mexida. O lençol. Várias roupas de mulher ainda estão lá. Uma outra mala está vazia. Ela dá a volta. O estofamento está coberto de sangue. Sangue dela? Não lembra de ter visto um arranhão sequer no crioulo. No banco de trás está uma bolsa. Vazia. No chão ela encontra um batom, um pente, uma carteira de documentos, também vazia. Acha também um convite: "Reveillon ao Luar. Sexta-feira, 31 de dezembro. No Hotel-fazenda Sítio da Natureza." A festa de fim de ano. O acidente. Ela abre o porta-luvas e encontra o que não sabia que procurava: um revólver. Pega a arma. O negro não a pegou an-

tes, por quê?

Mais uma descoberta, estendida do outro lado do carro: um homem morto. Está nu e tem o rosto desfigurado. Ela sente náuseas. O morto é moreno, o corpo forte. Não tão moreno e nem tão forte quanto o marido. Ou este é o marido? Ela não sabe mais de nada. Sente medo mais uma vez. Não sabe em quem confiar. E se o negro for seu marido? E se o marido for o morto?

Precisa fugir, achar a estrada, desaparecer. E o negro? O sangue entre as pernas? Se fosse currada pelo marido não teria sangrado. Ou teria? Provavelmente não. Então, por que aquela mancha úmida entre as pernas? Canalha, o defunto e o outro. Canalhas. Um dos dois é o marido mas... Talvez não haja marido algum. Nem o negro e nem o morto. Marido algum. Talvez ela esteja morta. Ela, Irene.

Cria coragem e se olha no espelho do carro. Não sente mais medo do que possa ver. E vê. Como é bonital! Os olhos grandes, castanhos. A pele branca, manchada de sangue. O nariz quebrado não importa mais. A carteira de documentos está vazia. A memória está morta. O marido está morto. Irene está morta. Sempre esteve.

\*\*\*

Vai até o riacho e se lava de todas as manchas. Todas. No porta-malas, pega uma roupa limpa, a mais bonita, e a veste sobre a pele clara. Penteia o cabelo ainda levemente grosso de sangue. Corre o batom pelos lábios. Se olha mais uma vez. O rosto branco, agora limpo, parece novo. Lindo!

Ela sorri. Irene sorri. Não sente mais dor nem medo. Joga a bolsa, a carteira, as malas, as outras roupas e o revólver em um buraco do caminho. O carro, a casa de barro, o cadáver e o negro ficam para trás. Ela segue seu destino. Segue a trilha que a natureza lhe abriu. Para uma nova vida. Para a sua própria ressurreição.